

Finanças

No Brasil, a cotação no segmento de mercadorias e futuros BM&F da B3 subiu 1,36% para R\$ 134,40 por grama, ontem. E no ano, a valorização alcançou 13,13%, puxada pela queda do dólar

Tensão geopolítica entre EUA e Coreia do Norte faz o preço do ouro disparar

INVESTIMENTOS

Ernani Fagundes
São Paulo
ernanif@dci.com.br

● O teste de mais uma bomba de hidrogênio pela Coreia do Norte no último domingo fez o preço internacional do ouro subir 0,73% para US\$ 1.334,21 por onça troy (31,1 gramas) ontem. Em 30 dias, a alta é de 5,27%; e no ano já acumula valorização de 15,20%.

Mesmo com o feriado em Nova York ontem, o contrato do ouro com vencimento para dezembro, com base nos negócios em Londres, operou em alta de 0,69%, cotado em US\$ 1.339,58 por onça-troy.

No Brasil, a cotação no segmento de mercadorias e futuros BM&F da B3 subiu 1,36% para R\$ 134,40 por grama ontem. E no ano, a valorização alcançou 13,13%.

“Quando se tem uma tensão geopolítica como essa envolvendo os Estados Unidos e a Coreia do Norte, e outras potências como a China, a Rússia, e o Japão, naquela região, os investidores globais procuram proteger seu dinheiro em ativos de segurança como o ouro”, disse o diretor da corretora Ourominas, Mauriciano Cavalcante.

Ele contou que o preço internacional do metal precioso está em elevação há mais de três semanas justamente por causa da tensão na Ásia.



Metal dourado: ouro mostra valorização por ser um ativo de proteção e por sua demanda forte na Ásia

A lógica dos investidores globais está relacionada a preocupação com um possível aumento da liquidez ou do endividamento dos governos no curto ou médio prazo para fazer frente a gastos militares.

“Por exemplo, quanto maior a necessidade de investimento militar pelos Estados Unidos, mais pressão sobre o orçamento. Isso faz com que o dólar se desvalorize”, citou o diretor. De fato, ontem, o valor do dólar à vista caiu 0,22% para R\$ 3,1322 no balcão.

Mas que também há outros fatores que explicam a tendência de alta do metal. “A economia da Índia está crescendo, e

a população local tem uma cultura milenar de amor por ouro. É o país que mais adquire e isso ajuda que o preço do metal valorize globalmente. Além disso há forte demanda no Irã, Cazaquistão, e países árabes como Dubai”, diz.

Do lado da oferta, o diretor lembrou que o Brasil é um dos principais produtores do metal para exportação, mas que enfrenta desafios para explorar suas reservas minerais.

Questionado sobre a polêmica recente de garimpos ilegais na Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca) entre os estados do Pará e do Amapá, Cavalcante respondeu

que o contrabando na região está desviando o ouro brasileiro para outros países.

“O garimpo ilegal e contrabando existem. O governo pretende, de alguma maneira, regularizar a exploração mineral na reserva. Há relatos de estrangeiros atuando na região e levando o ouro para fora do País. Se tiver a legalização com a devida proteção ambiental, instituições autorizadas pelo Banco Central podem recolher impostos e a produção contribuirá para aumentar as nossas divisas”, comentou.

A exploração de ouro legal recolhe 1% do imposto sobre operações financeiras (IOF) e

0,2% de contribuição sobre exploração mineral (CFEM).

Alternativas no mercado

Como a oferta física do metal depende do aumento da produção mundial muitas vezes em áreas de difícil acesso na Amazônia (América do Sul) e na África, o mercado financeiro também desenvolve alternativas para atender a demanda de seus clientes.

A Guide Investimentos, por exemplo, distribui um certificado de operações estruturadas (COE) de ouro, de emissão pelo banco BNP Paribas Brasil, com ticket inicial de R\$ 10 mil e prazo de 3 anos. “Na modalidade com o principal garantido, tem uma rentabilidade mínima próxima da inflação, prefixada em cerca de 9% para o período [de 3 anos]”, informou o *hedge* [responsável] de renda fixa da Guide Investimentos, Bruno Carvalho.

Na avaliação do economista da Guide, Ignacio Crespo, o desfecho da crise geopolítica entre a Coreia do Norte e os Estados Unidos é bastante difícil de prever. “Alguns economistas renomados [no mundo] estão recomendando uma posição de 5% a 10% da carteira de recursos em ouro”, diz.

Na prática, Crespo menciona que o ouro pode ser um instrumento de proteção e de diversificação, ou seja, com uma fatia de participação entre os investimentos. “A Selic está caindo”, lembrou. Na média, o ouro valoriza 10% ao ano.

Bancos da UE precisarão de controladoras

INTERNACIONAL

● Dezenove bancos estrangeiros na União Europeia precisarão criar novas empresas controladoras para que os reguladores possam analisá-las mais de perto, segundo um documento de discussões do bloco, respondendo a medidas tomadas pelos EUA.

A Comissão Europeia propôs em novembro que os bancos sediados fora da União Europeia consolidassem suas atividades europeias sob uma “empresa controladora intermediária” (IPU, na sigla em inglês) em resposta aos movimentos norte-americanos de exigir que bancos estrangeiros façam o mesmo.

O órgão agora desenvolveu seu projeto e fez uma estimativa preliminar de que 19 bancos estrangeiros terão que criar uma IPU. Eles operam por meio de 53 subsidiárias e 53 agências, com 35, um terço do total, apenas no Reino Unido. /Reuters

Crédito para compra de veículo sobe

MERCADO

Da Redação
São Paulo
redacao@dci.com.br

● Os bancos de montadoras e as instituições independentes liberaram R\$ 54,1 bilhões para as operações de Crédito Direto ao Consumidor (CDC) e leasing, o que representa alta de 19% em 12 meses, conforme pesquisa divulgada ontem.

De acordo com o último boletim da Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (Anef), no ano passado, neste mesmo período, o montante havia sido de R\$ 45,4 bilhões.

Ainda com base neste levantamento de ontem, o volume de financiamentos no sétimo mês do ano somou R\$ 8 bilhões, o terceiro melhor resultado de 2017 – abaixo apenas de março e maio, quando foram concedidos empréstimos de R\$ 8,3 bilhões e R\$ 8,2 bilhões, respectivamente. Com isso, o total de recursos liberados atingiu a marca de R\$ 53,1 bilhões, uma alta de 20,1% ante



Operações de CDC e leasing avançaram 19% em 12 meses

o mesmo volume de 2016.

Leasing

Ainda segundo a Anef, nos sete meses do ano, o total de recursos liberados na carteira de leasing foi de R\$ 1 bilhão, recuo de 17% em 12 meses. Deste total, R\$ 871 milhões foram destinados às empresas e os R\$ 186 milhões restantes para as pessoas físicas.

Na comparação com o volume de negócios em relação ao mesmo período de 2016, hou-

ve um aumento de 6,3% nas operações com as pessoas jurídicas, enquanto que, com as pessoas físicas, o número de operações despencou 59,1%.

Os contratos de leasing somaram em julho R\$ 177 milhões, aumento de 34,1% na comparação com o mês anterior e de 25,5% em 12 meses.

Com relação às taxas praticadas pelos bancos ligados às montadoras, os patamares continuam mais atraentes na comparação com as adotadas pelas instituições independentes. Em julho, as entidades associadas à Anef cobraram juros de 20,98% ao ano e 1,6% ao mês, enquanto os independentes trabalharam com 24% e 1,81%, respectivamente.

Saldo das carteiras

O saldo das carteiras em julho atingiu R\$ 161,9 bilhões, volume 0,2% superior ao registrado no mês anterior, mas 3,5% inferior na comparação com o mesmo período de 2016. Deste total, os financiamentos respondem por R\$ 158 bilhões (volume 0,2% superior a junho) e o leasing pelos R\$ 3,9 bilhões restantes (mesmo volume atingido na relação)

Captação da Caixa chega a R\$ 944,1 mi

POUPANÇA

● Com captação líquida total de R\$ 944,1 milhões até agosto de 2017, a Caixa Econômica Federal confirmou ontem, a tendência de crescimento dos depósitos em Poupança.

A instituição segue comportamento diferente daquele observado no mercado, que, segundo dados do Banco Central (BC), acumulou perdas de R\$ 12,8 bilhões até o dia 28 de agosto. Nos últimos 12 meses, o saldo da Poupança da Caixa registrou um crescimento de 9,8%, atingindo os R\$ 261 bilhões e aumentando sua participação de mercado para 38,23%.

Além da rentabilidade mais atrativa causada pela redução da taxa básica de juros (Selic), o crescimento do número de contas de poupança abertas ao longo dos últimos 12 meses na Caixa, um total de 7,1 milhões de poupanças, é um fator que contribuiu para a captação positiva neste ano. /Agências